

## **A INCLUSÃO SOCIAL E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NAS CLASSES REGULARES**

Carmem Salete Webber Karpinski  
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC  
[airton@karpinski.com.br](mailto:airton@karpinski.com.br)

Ortenila Sopelsa  
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC  
[ortenila.sopelsa@unoesc.edu.br](mailto:ortenila.sopelsa@unoesc.edu.br)

### **Resumo**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo com o objetivo de investigar a inclusão social e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com necessidades especiais em educação (NEEs), nas classes regulares, na Rede Municipal de Getúlio Vargas (RS). Foram envolvidos 10 alunos com NEEs, seus pais e suas professoras, e a coleta ocorreu mediante entrevistas semiestruturadas, envolvendo a inclusão social e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com NEEs, nas classes regulares. A fundamentação foi realizada com base em: Vigotski (2003); Montoan (2003); Freire (1997); Stainback e Stainback (1999); Moreira (2006); Pacheco (2007) e outros. Após a análise dos dados, observou-se que as professoras demonstram acreditar na importância da escola regular para esses alunos, porém enfatizam a falta de formação específica e continuada que contribua no processo da aprendizagem efetiva dos alunos e, conseqüentemente, na sua inclusão social. Os alunos ressaltam as dificuldades existentes no desenvolvimento da aprendizagem e nas relações com seus pares. Das entrevistas com os pais, emergiu a falta de orientação por parte da escola e de profissionais da área da saúde quanto às necessidades específicas dos filhos. Esses dados revelam a necessidade das licenciaturas e as políticas públicas incluírem as NEEs em seus projetos.

A opção do Brasil em incluir alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) em escolas regulares na tentativa de minimizar a exclusão social torna-se evidente e necessária, principalmente após a Declaração de Salamanca, na Espanha, em 1994. É uma proposta que tem a sustentação do Poder Público nas esferas municipal, estadual e federal.

A recomendação de Salamanca é que as escolas regulares recebam, incondicionalmente, todos os alunos, os quais devem ser bem-vindos e matriculados para desenvolver as atividades de ensino junto com os demais, propiciando-lhes a aprendizagem de uma forma mais efetiva. Para a Declaração de Salamanca (1994), as classes e as escolas especiais são exceções, recomendadas apenas para casos em que as necessidades educacionais ou sociais não possam ser contempladas no ensino regular, bem como, se necessário, para o bem-estar do aluno com NEE. A preocupação com alunos das áreas rurais faz parte desse contexto, como também a

busca de apoio nas comunidades e a elaboração de políticas educacionais que contemplem as necessidades de todos os alunos.

Em 1996, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), Lei nº 9394/96 (BRASIL, 1996), estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional no Brasil. A Lei dispõe de vários artigos sobre os direitos na educação dos portadores de NEE na rede regular de ensino. O capítulo V da Educação Especial, artigo 58, afirma que educação especial é modalidade de educação escolar, portanto será oferecida na rede regular para educandos com NEE. Assim, quando necessário, haverá serviços de apoio para atender às peculiaridades dos alunos com NEE. A Lei enfatiza que, se houver necessidade, o atendimento será feito em classes, escolas ou serviços especializados, uma vez que não é possível a integração do aluno com NEE.

Há uma década vivenciando esse contexto, após receber alunos com NEE na sala de aula regular, observamos a importância que é a inclusão desses alunos, como também, o desafio de buscarmos novos conhecimentos e metodologias que contribuam na sua aprendizagem.

Como professoras do ensino regular, observamos que a inclusão dos alunos com NEE não é total, tanto por parte dos pais quanto dos professores, e mesmo da sociedade em geral. A inserção desses alunos no ensino regular não está bem compreendida, desenvolvida e respeitada como merece. Dúvidas e questionamentos persistem desde o momento em que, ao entrar em uma sala de aula, nos deparamos com dois alunos, sendo, um com deficiência auditiva e outra aluna surda-muda. Nessa época, não conhecíamos nada sobre inclusão. Passamos a nos questionar: Como trabalhar sem especialização, sem orientação, com alunos com NEE?

Vigotsky (2003, p. 76) salienta que o ser humano adquire conhecimentos pela sua interação com o meio. Segundo o autor, o aluno traz consigo seus próprios conhecimentos, e a mediação do professor é valorizar tais conhecimentos, ampliando-os para novos conhecimentos. Por isso, é necessário desenvolver o ensino utilizando métodos diferentes para que todos, de uma forma ou de outra, aprendam.

O projeto Leonardo da Vinci denominado “Melhoramento da Habilidade dos Professores quanto à Inclusão” (em inglês ETAI) desenvolve na Áustria, Islândia, em Portugal e na Espanha estudos bem-sucedidos de educação inclusiva em escolas obrigatórias. Segundo Pacheco e outros (2007, p. 149), o projeto sugere que as classes inclusivas necessitam de um pré-planejamento, exige um ambiente preparado:

É necessário experimentar tipos de métodos de aprendizagem diferentes. Os professores precisam planejar a sala de aula fornecendo materiais, garantindo a interação. Em todas as turmas os alunos sentam-se juntos, trabalham de forma cooperativa. As classes são unidas em 2, 4 ou 6 alunos, ou ainda em forma de “U”. A escola inclusiva precisa valorizar a formação de relacionamentos, proporcionando um ambiente afetuoso, com igualdade, apoio constante no nível cognitivo, social e emocional. Reuniões frequentes onde os alunos presidem e avaliam seu próprio desenvolvimento.

Observamos, dessa forma, que os professores das escolas inclusivas precisam proporcionar aos alunos todas as metodologias de ensino possíveis para que os alunos com NEE possam aprender

e ter uma educação efetiva. A partir do exposto, optamos em desenvolver uma pesquisa com professores, alunos e familiares, tendo como objetivo geral: investigar a inclusão social e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com necessidades especiais em educação (NEEs), nas classes regulares, na Rede Municipal de Getúlio Vargas (RS). Os sujeitos envolvidos foram cinco alunos com NEE, cinco familiares e cinco professores dos referidos alunos, a fim de identificar as necessidades sentidas tanto nas famílias dos alunos quanto nas escolas. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos, com o objetivo de obter dados mais subjetivos em relação ao tema em estudo.

### **A Inclusão Social e o Desenvolvimento da Aprendizagem na Concepção das Professoras, Familiares e Alunos.**

Referindo-se a alunos com NEE, não poderíamos deixar de referenciar algo de como ocorre o processo do ensino e da aprendizagem no cotidiano escolar. Inicialmente, discorreremos sobre a aprendizagem significativa, valendo-nos da teoria de Ausubel (2000) apud Moreira e Masine (2006). A Teoria ausubeliana afirma que o aluno aprende a partir do que traz consigo em seus conceitos gerais sobre as coisas. Quando chega à escola, a informação recebida por meio do professor interage com os conhecimentos próprios do aluno, em especial o que é significativo para ele.

Segundo Ausubel (2000) apud MOREIRA; MASINE, 2006, p. 16), “a aprendizagem adquirida de maneira significativa fica retida na memória por mais tempo, também a capacidade de aprender outros conteúdos é maior, da mesma forma, se for esquecida facilita a reaprendizagem”.

Em relação à aprendizagem dos alunos, evidenciamos que eles aprendem na relação com os outros: com os colegas de aula; professores; na família; na comunidade. Portanto, na relação professor-aluno e aluno-aluno, pode desencadear a aprendizagem efetiva.

Para Vigotsky (2003, p. 121), é na relação com os outros que o aluno desenvolve uma reação:

O aluno vai demonstrar mais apreço por aquela disciplina, na qual o professor ao ensinar demonstra mais emoção. A forma do professor ensinar, mediar, lidar com as dificuldades na sala de aula, ressalta os sentimentos de afeto, de sentir-se na sala de aula, ou acontecer do aluno sentir-se excluído quando o professor não o percebe como incluído, que age e participa no grupo.

O modelo de educação inclusiva rejeita a hipótese de o insucesso escolar recair totalmente sobre a criança. Cabe, também, ao professor a responsabilidade da aprendizagem dos alunos com NEE. Em uma sala de aula inclusiva, o professor precisa conhecer cada um dos seus alunos e suas necessidades, a fim de mediá-las por intermédio de metodologias específicas para cada aluno conforme a dificuldade apresentada no momento. O autor enfatise às questões dos sentimentos, às questões que dão sentido na vida.

As emoções são tão importantes quanto o conhecimento intelectual. Nisso, o professor é o mediador, que, por meio de atividades como um jogo, mediante regras, auxilia o aluno a aprender, controlar suas emoções, e, quando respeita essas regras, ensina o aluno a não seguir cegamente seus sentimentos, mas, sim, coordená-los (VIGOTSKY, 2003a, p. 121-123). Nesses momentos, os alunos experimentam troca de experiências e compartilham os conhecimentos aprendidos.

Há aproximadamente uma década, passamos a fazer parte do grupo de professores da Rede Municipal de Ensino do Município de Getúlio Vargas (RS). Foi a partir desse momento que se iniciaram nossos questionamentos em relação à inclusão de alunos de NEE nas classes regulares. Sem ter conhecimento algum sobre como agir em sala diante das necessidades de aprendizagem desses alunos, por conta própria, passamos a proporcionar atividades em grupos heterogêneos. Essa foi a maneira que encontramos para ajudá-los na sua aprendizagem, mesmo sentindo, muitas vezes, a incerteza de estar agindo de maneira correta. Os alunos que não apresentavam dificuldades de aprendizagem ajudavam os demais e, ainda, fazíamos atendimento individualmente, nos grupos, para ajudá-los.

Como professoras com experiência de vários anos, sentimos muita dificuldade em identificar as causas das dificuldades de aprendizagem nos alunos das séries finais do ensino fundamental. Nas conversas com outras professoras, no recreio ou nas reuniões pedagógicas, sempre procuramos compartilhar nossas dúvidas. Assim, percebemos que as nossas dúvidas e inseguranças a respeito de como agir diante de tal dificuldade também perseguem outros colegas professores. O que podemos concluir é que precisamos nos aprofundar mais e mais em pesquisas para, talvez, obter mais resultados qualitativos na aprendizagem dos alunos com NEE. As atividades de aprendizagem podem ser organizadas em diferentes perspectivas, segundo Salvador (1994). É importante desenvolver uma educação mais humanizadora, na qual não há competitividade, pois isso provoca a exclusão. Em relação a isso, o autor assinala:

A cooperação sem competição intergrupos é superior à cooperação com a competição intergrupos quanto ao rendimento e à produtividade. Com atividades cooperativas nas escolas teremos mais repercussão sobre o processo de solidariedade e socialização entre os alunos. O trabalho coletivo nem sempre dá frutos imediatos. O simples fato de agir conjuntamente, cooperativamente, obriga a todos os membros participantes a estruturarem melhor suas atividades, a coordená-las, sem que a responsabilidade recaia sobre um único participante (1994, p. 82).

Durante as atividades de ensino, procuramos trabalhar de forma cooperativa. Procuramos, também, trabalhar em grupos pequenos e fazer uma mescla de alunos, em que trabalham os alunos da classe regular e os alunos com NEE. Observamos que os alunos da classe regular, quando bem orientados, auxiliam de forma significativa os alunos com NEE. Percebemos que, ao mediar o ensino, o professor precisa envolver todos os fatos e todo o contexto que envolve o aluno, seu contexto e o significado para a sua vida.

A inclusão social de forma efetiva nas classes no ensino regular é um fato histórico que se desenvolve nas últimas décadas. Muito se tem falado, discutido, sobre a temática, mas a realidade da sala de aula parece não ter modificado o cenário, ou seja, professores insatisfeitos, familiares equivocados em relação à aprendizagem de seus filhos, alunos agressivos, inseguros, evadidos, reprovados, diante das dificuldades vividas no cotidiano escolar.

Todo esse contexto refere-se à não-inclusão social. A inclusão implica mudança desse atual paradigma educacional para a construção de um novo, no qual as diferenças é que produzirão as mudanças para uma sociedade mais humanizada.

Assim a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou de identidade institucional que por sua vez abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a do aluno (MANTOAN, 2007, p. 24).

A escola inclusiva não usa práticas específicas para cada tipo de deficiência ou dificuldade do aluno. Eles aprendem nos seus limites, e o professor precisa explorar as possibilidades de cada um. Utilizará metodologias e técnicas de ensino variadas para proporcionar a cada aluno a aprendizagem à sua maneira.

Quanto aos direitos assegurados aos alunos com NEE, a professora C, em entrevista, relatou que: as maiores dificuldades encontradas são quando saímos da escola para passeios, teatro, viagens, pois muitas vezes não há rampas, lugares apropriados para cadeirantes. Em virtude desse depoimento, percebemos, também, que nem tudo o que consta na legislação é posto em prática. Existem muitas leis, todavia elas precisam vigorar para promover mudanças, melhorias na vida das pessoas com alguma NEE. Nesse sentido, Mantoan e outros (2007, p. 51-52) relatam:

As escolas de qualidade são necessariamente abertas às diferenças e, conseqüentemente, para todas as crianças. São escolas em que todos os alunos se sentem respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, indiferentes às diferenças. [...] que se caracterizam por um ensino de qualidade, que não excluem, que não categorizam em grupos por perfis de aproveitamento escolar e por avaliações padronizadas [...] as escolas para todos são escolas ins justapostos. O trabalho escolar era exclusivamente centrado no professor, informado por manuais iguais para todos, repetição de lições [...] sua falsa competência multidisciplinar, em horários diferentes dos outros professores, como poderiam partilhar, comunicar, desenvolver um projeto comum?

É necessário buscar tais experiências que deram certo e aplicá-las nas nossas escolas. O Brasil tem onde buscar exemplos de práticas inclusivas que deram certo em países como Portugal, Espanha, Islândia, Áustria (PACHECO et al., 2007). Estes foram os pioneiros na inclusão de alunos com NEE em escolas regulares, experienciaram as práticas, a fim de validá-las e substituí-las por outras.

Sabemos que a inclusão nas escolas regulares requer grandes investimentos do Estado e grandes esforços e dedicação intensiva por parte dos professores, direção das escolas, funcionários, pais e alunos para, em médio e longo prazo, podermos construir uma sociedade mais humanizada.

Com referência a essa questão, Pacheco e outros (2007, p. 130) assinalam que:

As mudanças de uma escola tradicional para uma prática inclusiva são complexas e não podem ser feitas de um dia para outro. A inclusão demanda reflexão sobre visão e atitude e, com grande frequência, a adoção ou a criação de uma nova visão em relação à educação escolar, à aprendizagem e aos aspectos sociais.

Educando todos juntos, nas mesmas salas de aula, os alunos com necessidades especiais têm a oportunidade de prepararem-se para a vida em comunidade, os professores melhoram suas habilidades e a sociedade toma a decisão consciente de agir de acordo com o valor social da igualdade para todos os seres humanos. No que se refere à escola inclusiva, é no constante desequilíbrio provocado pelas diferenças existentes entre os alunos com NEE e os sem que ocorrem as trocas entre eles e a permanente reorganização do conhecimento pelo aluno. Assim, eles vão avançando na construção dos seus próprios conceitos, vão progredindo, superando os desafios ou soluções de problemas do dia-a-dia na escola.

Durante a pesquisa, ao questionar a professora B sobre o desenvolvimento da aprendizagem nos alunos com NEE, ela afirmou: *estas crianças com NEE apresentam limitações, mais dificuldades para uma compreensão imediata. É preciso muita paciência e proporcionar atividades variadas.*

Com isso, a professora quis referir-se ao tempo de cada aluno para aprender. Nesse sentido, Mantoan (2003, p. 62) salienta que:

Para se apropriar do saber acadêmico, cada aluno traça, individualmente, um caminho que é mediado pelo professor e/ou pelos colegas. Os marcos dessa caminhada têm ritmos necessariamente diferentes, porque não se espera que todos aprendam tudo e no mesmo tempo, pela imitação, pela repetição e pelo conformismo intelectual. Tais condições facilitam a adaptação intelectual dos alunos às matérias escolares, respeitando as limitações de cada um, suas aptidões pessoais, necessidades e interesses.

Juntos, desenvolverão atitudes positivas se forem proporcionadas por intermédio dos adultos (professores, direção das escolas, funcionários, pais) em ambientes integrados. A integração e a comunicação facilitarão as amizades e o trabalho com colegas. Eles aprendem a ser sensíveis, a respeitar, a compreender, a estender e construir conhecimentos.

Ao dar vez e voz às professoras, foi possível perceber que estão envolvidas no processo de inclusão dos alunos com NEE. Demonstraram acreditar na importância da escola regular para esses alunos, procuram formas de contribuir com a aprendizagem e, também, estão colaborando para o processo de inclusão escolar e social dos alunos com NEE. Porém, todas as professoras que fizeram parte desta pesquisa afirmaram não ter formação específica para atender esses alunos e que, pelos anos de prática, estão tentando metodologias diversas para que, de uma maneira ou de outra, esses alunos possam aprender de forma significativa.

Também ficou explícita nas falas das professoras a preocupação em relação à aprendizagem dos alunos que apresentam NEE, porque pouco sabem sobre como estes aprendem. Mencionaram

não ter tido disciplinas que abordam esses conhecimentos nos cursos superiores frequentados por elas e, também, não ter qualificação específica para tal.

Tal evidência emergiu ao questionar as professoras em relação a sua formação específica para trabalhar com alunos com NEE. Em relação a isso a professora A relatou: *Eu não tenho cursos específicos para trabalhar com crianças portadoras de NEE, apenas algumas palestras pinceladas, não aprofundadas, que pudessem ajudar como agir no processo de aprendizagem desses educandos.*

Nesse sentido a professora B observa: *Não tive formação específica, tanto na graduação quanto na Formação Continuada. Na verdade, aprendi a trabalhar com portadores de NEE na prática. Já sou educadora há muito tempo e tive vários casos de inclusão na minha classe.*

O aluno adquire conhecimento, de maneira especial, a partir do contexto social da escola, da intervenção de seus colegas e da família. Portanto, a escola precisa considerar e observar as diferenças e os ritmos de cada um. Pacheco e outros (2007, p. 20-21) assinalam que:

Na Escola da Ponte, na Vila das Aves, ao norte da cidade do Porto, no norte de Portugal [...] o ensino tradicional tem sido substituído por um sistema de ensino e aprendizagem centrado em pequenos grupos e no ritmo de cada aluno. Não há métodos diferentes para as crianças consideradas deficientes, pois cada aluno é tratado como especial. Da mesma forma, as adaptações curriculares são feitas para todos os alunos. A comunicação e o trabalho em equipe são priorizados [...] Os grupos de alunos são heterogêneos, e não baseados em notas.

Fica nítido, pelas observações das professoras entrevistadas que as universidades necessitam melhorar seu currículo disciplinar, incluindo disciplinas que abordem conhecimentos sobre os alunos com NEE, como eles aprendem quais as principais NEEs, como diagnosticar tais problemas.

Outro problema enfrentado pelas professoras das classes regulares é o número excessivo de alunos nas turmas. Sobre turmas numerosas, a professora A salientou: Muito importante é o acompanhamento individual, o que se torna difícil fazer em escolas de ensino regular, onde temos grande número de alunos na classe e somente um professor, não temos monitores, nem profissionais para nos auxiliar.

Um aspecto importante salientado pelas professoras entrevistadas é sobre o interesse delas em conhecer mais sobre os alunos com NEE, para melhor contribuir no processo do ensino e da aprendizagem desses alunos. Observando a concepção de Pacheco e outros (2007), percebemos a necessidade de metodologias e intervenções contínuas para inclusão de alunos com NEE nas classes regulares. Todavia, como um professor sozinho atende trinta alunos da classe regular e mais quatro alunos com NEE? As políticas públicas e a escola necessitam rever tal contexto. Por exemplo, investigar quais as principais diferenças, conflitos e inseguranças vivenciadas pelos professores. Nesse sentido, a professora A ressaltou: *Estou criando estratégias para*

*conseguir realizar atividades de ensino. A professora B, também, enfatizou: É na troca de experiências entre os colegas, conversando com professores de Classes Especiais e Sala de Recursos que eu vou procurando superar as dificuldades e as angústias para poder atingir os objetivos.*

De acordo com Mantoan (2007), é com base nas experiências vividas pelos profissionais da escola que vão sendo construídas as estratégias de ensino para a aprendizagem dos alunos com NEE. Nem tudo está pronto, é preciso ainda rever e construir muito em relação a essa temática, diferentemente do ensino tradicional das turmas homogêneas, dos conteúdos programáticos, das avaliações por meio de provas, enfim, de metodologias excludentes e não inclusivas.

O ensino e a aprendizagem que envolve o afeto, o amor, o respeito fazem com que o aluno sinta-se valorizado e incentivado a aprender. Para Freire (2007, p. 66), “Acima de tudo, ensinar exige respeito à autonomia do ser, do educando. O respeito à autonomia e à igualdade de cada um é imperativo, ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Nesse sentido, Mantoan (2007, p. 52), assinala que é importante,

Ensinar a turma toda, reafirmar a necessidade de promover situações de aprendizagem que formem um tecido colorido de conhecimento, cujos fios expressam diferentes possibilidades de interpretação e de entendimento de um grupo de pessoas que atua cooperativamente em uma sala de aula.

Para a professora A, o contato com a afetividade está entusiasticamente atrelado ao problema de aprendizagem: *Acredito e tenho certeza que um dos principais passos para iniciar o processo de aprendizagem é o afeto, dando carinho, amor, atenção, incentivo e olhá-lo da mesma forma que olhamos os seus colegas. Muito importante é o acompanhamento individual, o que se torna difícil fazer em escolas regulares onde temos número elevado de alunos na classe e, ressaltamos mais uma vez, somente um professo para dar conta de tudo isso.*

Ao questionar as professoras em relação às maiores dificuldades encontradas durante as atividades de ensino, a professora A respondeu: Para trabalhar com alunos portadores de NEE, é necessária muita dedicação, o atendimento *deveria ser individual, a atenção voltada somente para ele, estar sempre elogiando o que faz incentivá-lo para que consiga realizar as atividades sempre melhor. Para recebermos esses alunos em escolas regulares é extremamente necessária uma monitora, para que possamos dar a atenção e o atendimento individual de que precisam.*

Observa-se na fala das professoras o desejo que sentem em realizar um ensino que contemple a aprendizagem de todos os alunos, porém esbarram no conflito de sentirem-se no silêncio e na solidão, ou seja, não há para quem recorrer e buscar ajuda e orientação. Assim a inclusão de alunos com NEE está tocando a pessoa do professor que não está preparado, pois não recebeu formação para tanto.

Nesse sentido, Mantoan (2007, p. 52) enfatiza:

Inovações educacionais, como a inclusão, abalam a identidade profissional e o lugar conquistado pelos professores em dada estrutura ou sistema de ensino, uma vez que atentam contra a experiência, os conhecimentos e o esforço que fizeram, para adquiri-los. É uma mudança experimentada pelos professores que ensinam a turma toda.

A inclusão escolar abalou um grande número de professores, os quais sentiam-se seguros profissionalmente com seus cursos de graduação. Hoje, percebemos que a graduação é muito pouco, precisamos buscar mais conhecimentos sobre os alunos com NEE. Precisamos, como escola, acompanhar a evolução do mundo, em relação a inclusão social. A escola é um meio onde acontecem relações interpessoais, por isso é necessário levarmos em conta as relações que acontecem entre professores e alunos na sala de aula para uma aprendizagem. O professor precisa prestar muita atenção em seus alunos para conhecê-los melhor, perceber suas carências e dedicar um tempo a mais a esse aluno, transmitindo carinho, atenção, elogiando as atividades que ele sabe fazer, mostrando que se interessa por ele e, assim, contribuir na construção de seu conhecimento.

Quanto às relações existentes entre os alunos com NEE e os alunos da classe do ensino regular, os professores observam as dificuldades vivenciadas e como superar isso na sala de aula. Nesse sentido a professora A relatou: *nos primeiros dias de aula, o aluno "a", foi excluído do grupo por expressar-se com dificuldade, gagueira, e até mesmo aconteceram brincadeiras desagradáveis. Foi necessário conversarmos muito sobre as diferenças e que todos somos seres humanos, cada qual do seu jeito. Com esses momentos de diálogo, os colegas passaram a entender, aceitar e ajudar o menino. Converso com ele para que fique mais à vontade. As crianças não são todas iguais, umas levam mais tempo para aprender e outras menos.*

Ainda nesse contexto a professora B assinalou: *Uma das minhas preocupações é criar um ambiente harmonioso, de respeito e ajuda entre todos. Procuo envolver todos os alunos e que as relações entre os diferentes seja de forma espontânea e mais natural possível. Percebo que os dois alunos incluídos que tenho na minha classe recebem muita ajuda dos colegas. Sentam-se juntos, fazem trabalhos em grupo. Existe reciprocidade, os dois alunos adoram os demais, se sentem bem na turma. Nem sempre é fácil, mas precisa persistência de minha parte.*

Ao questionar os alunos em relação a sua aprendizagem na escola, observamos que a maior dificuldade é entender os conteúdos e o relacionamento com os colegas. Apresentamos alguns exemplos: *aluno A, tenho dificuldades de aprender. Os colegas zombam de mim. Aprendo quando a professora senta ao meu lado e explica a matéria. Nesse contexto o aluno B enfatiza: aprendo no trabalho em grupo. Os colegas sabem explicar o que a professora ensina e eu não aprendo.*

*A mãe do aluno A, durante a entrevista relatou: meu filho tem dificuldade, mas não sei como ajudar. A professora precisa acompanhar mais de perto, ter paciência com ele. Para a mãe do*

aluno B a situação é semelhante: *Temos dificuldade em ajudar nosso filho. Ele toma medicamento e quando não consegue aprender fica agressivo. Precisa de muita paciência.*

Observando as entrevistas percebemos que tanto as professoras quanto as mães, enfrentam grandes desafios para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Estes por sua vez, observam a importância do professor e dos colegas para sua aprendizagem. Enquanto professoras e pesquisadoras, percebemos que o contexto que envolve a inclusão de alunos com NEE é complexo e que necessita de um trabalho coletivo entre o poder público, a escola e a família. Quando pretendemos a inclusão em uma sala de aula regular, primeiramente precisamos discorrer sobre o assunto com todos os alunos e, então, integrarmos na sala o aluno com NEE. É importante desenvolver no grupo o respeito entre as diferenças e diversidade da sala de aula.

De acordo com Carvalho (2002, p. 167):

É, por conseguinte, necessário o desenvolvimento de uma preparação específica que permita a sua manutenção na classe. A interação com os pares “normais” é saudável tanto pedagógica como emocionalmente. Os alunos ditos “normais” podem construir um fator fundamental para o êxito da integração através das interações positivas que desenvolvem com os colegas, ajudando-os e assumindo o papel de tutores e amigos.

Reverendo as entrevistas dos professores no que se refere às relações interpessoais dos alunos com ou sem NEE, percebemos a iniciativa das professoras em preparar o ambiente escolar para que todos sejam participantes nas atividades de ensino, pois o aluno que não consegue acompanhar as atividades, de maneira geral, se torna agressivo e desatento, perturbando assim todo grupo. A professora A comentou, ainda, que percebia que o diferente não se sentia à vontade por não conseguir realizar bem as tarefas de aula, no entanto, após a professora explicar sobre a questão das diferenças os colegas passaram a aceitar e respeitar os alunos com NEE. A sociedade está cheia de preconceitos, principalmente sobre o que não está dentro de um padrão determinado, ou seja, o diferente. Há poucos anos atrás, a própria escola procurava ter nas salas de aula turmas homogêneas. Os diferentes, fora do “padrão”, passavam para outra sala e assim, conseqüentemente, também eram excluídos do mundo do trabalho. Até mesmo os familiares que tinham crianças com NEE as escondiam, muitas vezes, nem os vizinhos as conheciam, elas eram mantidas à margem da sociedade. Tal cultura ainda está presente na escola.

Com relação às diferenças na escola, Mantoan (2007, p. 24) enfatiza:

O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais. O direito à diferença nas escolas desconstrói, portanto, o sistema atual de significação escolar excludente, normativo, elitista, bem como suas medidas e seus mecanismos de produção da identidade e da diferença.

Reiteramos então, mais uma vez a necessidade do poder público, a escola e de maneira especial o professor e familiares persistirem e avançar mais nas questões da inclusão efetiva de todos, seja na escola ou no mundo do trabalho, uma vez que é isso que oportuniza a dignidade humana.

Sacristán (2000, p. 201), referindo-se a importância da escola preparar-se melhor para atrair as diferenças enfatiza: “uma boa parte da responsabilidade pela falta de simpatia dos estudantes com as escolas e com o que se ensina nelas está nos conteúdos e na forma como se organiza a cultura curricular”.

Refletindo sobre a concepção do autor, percebemos a necessidade de rever também o currículo que perpassa na sala de aula e que contempla a inclusão de alunos com NEE nas classes regulares. Observar também, que condições de trabalho e orientação estão sendo oferecidos aos professores e familiares.

### **Considerações Finais**

O presente estudo possibilitou aprofundar tanto conhecimento específico quanto identificar a realidade vigente nas escolas, em relação à inclusão de alunos com NEE nas classes regulares. A insegurança das professoras e mães reflete na pessoa do aluno com NEE, por isso, não podemos avaliar o trabalho do professor ou o desconhecimento das mães, na aprendizagem dos alunos, sem avaliar também o que é proporcionado a eles.

Primeiramente percebemos a necessidade de um compromisso maior por parte das políticas públicas, no sentido de por em prática o que consta na legislação vigente. Num segundo momento a escola precisa ter presente no Projeto Político Pedagógico, o que pretende com a inclusão de seus alunos. Posteriormente oferecer aos professores uma formação continuada conforme as necessidades específicas de cada caso. E, finalmente cabe ao professor saber interagir e incluir todos os alunos na construção do conhecimento efetivo. Observamos também que a universidade precisa rever a matriz curricular dos cursos de licenciatura, a fim de oportunizar uma maior interação entre a teoria ministrada na sala de aula e a prática necessária na sala de aula do ensino básico.

### **Referências**

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.39/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2008.
- CARVALHO, R. E. 2002. *Removendo Barreiras para a Aprendizagem*. Porto Alegre: Mediação.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Sobre Princípios, políticas e práticas na área das Necessidades Educativas Especiais*. 1994. Disponível em: <<http://www.dgic.minedu.pt/innovbasic/proj/inclusivas/declaracao-salamanca.doc>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

- FREIRE, P. 2007. *Pedagogia da Autonomia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GÓES, M.C.R. e LAPLANE, A. L. F. 2004. *Políticas e Práticas de Educação Inclusiva*. São Paulo: Autores Associados.
- MANTOAN, M.T. 2003. *Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como Fazer?* São Paulo: Moderna.
- \_\_\_\_\_. 2007. *Pensando e Fazendo Educação de Qualidade*. São Paulo: Moderna.
- MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. 2006. *Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel*. 2. ed. São Paulo: Centauro.
- PACHECO, J. et al. 2007. *Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar*. Porto Alegre: Artmed.
- SACRISTÁN, J. G. 2000. *Compreender e Transformar o Ensino*. 4 ed. Porto Alegre: ARTMED.
- SALVADOR, C. C. 1994. *Aprendizagem, Escolas e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- VIGOTSKY, L. S. 2003. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.